



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE FILOSOFIA

KATIA SOARES DA SILVA MELO

O NILISMO COMO DECADÊNCIA DA MORAL CRISTÃ

CAMPINA GRANDE-PB

2015

KATIA SOARES DA SILVA MELO

O NILISMO COMO DECADÊNCIA DA MORAL CRISTÃ

Monografia apresentada pela acadêmica Katia Soares da Silva Melo, como exigência do curso de graduação em Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação do professor Dr.Reginaldo Oliveira Silva

**CAMPINA GRANDE-PB
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M528n Melo, Katia Soares da Silva
O Nihilismo como decadência da moral cristã [manuscrito] /
Katia Soares da Silva Melo. - 2015.
44 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva,
Departamento de Filosofia".

1. Nihilismo. 2. Cristianismo. 3. Decadência da moral. I.
Título.

21. ed. CDD 149

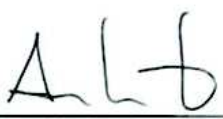
KATIA SOARES DA SILVA MELO


O niilismo como decadência da moral cristã

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 09/12/2015.


Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof. Me. Breno Dutra Serafim Soares / UEPB
Examinador

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os pontos da crítica ao niilismo proposta por Nietzsche, seguindo inicialmente o surgimento do conceito até tornar-se objeto filosófico do autor, o que acontece na transição da segunda para a sua terceira fase, no livro V de *A gaia ciência*. Os primeiros sinais do niilismo na *Genealogia da moral* e, por fim, o niilismo em sua totalidade no texto “O niilismo europeu” e em fragmentos póstumos no livro *Vontade de poder*. O propósito é chegar à compreensão do niilismo como decadência da moral cristã. Para alcançarmos o êxito esperado, o nosso objetivo com a pesquisa bibliográfica é encontrar elementos que sustentem a tese do niilismo como reflexo da decadência da moral cristã. O niilismo está na origem dos argumentos utilizados por Nietzsche, seu propósito é defender a definição de niilismo como decadência da moral cristã. O niilismo é a consequência da moral cristã e o que até agora servia como antídoto é, na realidade, a sua principal causa.

Palavras-chave: Niilismo. Cristianismo. Decadência da moral.

ABSTRACT

This work aims to analyze the points of the criticism of nihilism proposed by Nietzsche, initially following the emergence of the concept until becoming the author's philosophical object, which happens in the transition from the second to its third stage, in book V of *A gaia science*. The first signs of nihilism in the *Genealogy of Morality* and, finally, nihilism in its entirety in the text "European nihilism" and in posthumous fragments in the book *Will of Power*. The purpose is to arrive at the understanding of nihilism as a decadence of Christian morality. In order to achieve the expected success, our objective with the bibliographical research is to find elements that support the thesis of nihilism as a reflection of the decadence of Christian morality. Nihilism is at the origin of the arguments used by Nietzsche, whose purpose is to defend the definition of nihilism as a decadence of Christian morality. Nihilism is the consequence of Christian morality and what has hitherto served as an antidote is, in reality, its main cause.

Keywords: Nihilism. Christianity. Decadence of morality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I	7
1. NIETZSCHE E A PROBLEMÁTICA DO NIILISMO	8
1.1 Uma breve história do Niilismo: o espanto com o nada	8
1.2 O surgimento do niilismo nos escritos de Nietzsche	12
CAPÍTULO 2	18
2. INTERPRETAÇÃO MORAL E NIILISMO NA GENEALOGIA DA MORAL	18
2.1 O niilismo como consequência da transvaloração da moral cristã	18
2.2 O niilismo como consequência da domesticação do homem	24
2.3 O niilismo como efeito do sentimento de culpa	26
CAPÍTULO 3	30
3. O NIILISMO EUROPEU COMO RUÍNA DA CULTURA	30
3.1 As causas do niilismo e a interpretação cristã.	30
3.2 O niilismo como pessimismo e decadência	37
3.3 O niilismo e a transmutação dos valores	41
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
5. REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

A presença do niilismo na sociedade europeia levou os filósofos a grandes reflexões sobre o tema. Pensar o niilismo suas características e consequências é refletir a história da humanidade, principalmente no contexto em que Nietzsche a compreende. A cultura se impondo ao indivíduo e a supressão de suas potencialidades corresponde ao não desenvolvimento de uma humanidade livre, mas sim aprisionada a uma mentalidade decadente que priva o homem de sua natureza levando-o ao declínio e comprometendo sua própria existência. Nietzsche afirma a morte de Deus e propõe que seja desenvolvida uma ruptura gradual entre os valores cristãos e a moral. A negação de tudo o que por ventura relacione o homem à moral cristã, pois é a partir dela que se pode identificar as causas do declínio no âmbito filosófico e também no social. O desenvolvimento do conceito de niilismo como um fenômeno habitual na formação histórico – cultural suas distorções na relação de causa-efeito levaram à propagação e a manutenção do niilismo. Sendo assim, a busca em solucioná-lo é na perspectiva de Nietzsche a fonte inesgotável de seu aprofundamento. Embora para Nietzsche a saída estivesse distante de seu tempo e projetada em um futuro de novas gerações percebe-se que a moral decadente continua vigorando firmemente nos indivíduos. O niilismo é consequência da moral cristã e o que até agora servia como antídoto é na realidade a sua principal causa

O presente trabalho pretende fazer uma reflexão sobre a relação entre o niilismo e a moral cristã no pensamento de Friedrich Nietzsche, a partir da *Genealogia da moral* e “O niilismo europeu”. Para isso, retomaremos aspectos históricos do conceito e sua trajetória em um breve resgate dos principais nomes na literatura sobre o tema. Chegaremos nesse percurso a sua definição no âmbito filosófico proposto por Nietzsche. Esse desenvolvimento do niilismo e seu sentido filosófico nos possibilitará identificar em algumas de suas obras os elementos que demonstram essa relação com a decadência da moral. O filósofo alemão detecta o declínio da cultura europeia e conseqüentemente a ruína dos valores. Sendo assim, se faz necessário para nossa pesquisa situar o conceito de niilismo na filosofia do autor para chegarmos ao sentido específico do qual iremos enfim tratar.

O trabalho está composto por três capítulos, no primeiro capítulo, intitulado “Nietzsche e a problemática do niilismo”, breve histórico sobre o surgimento do niilismo, seguindo o processo no qual seu sentido está ligado num primeiro momento ao espanto com o

nada. Posteriormente, buscaremos o sentido do niilismo definido pelo próprio Nietzsche. No segundo capítulo, ao qual intitulamos “Interpretação moral e niilismo na genealogia da moral”, iremos discorrer sobre os primeiros sinais da reflexão sobre o niilismo na *Genealogia da moral*. Por fim, o terceiro capítulo, “O niilismo europeu como ruína da cultura”, trará os elementos necessários para entender a relação entre o niilismo e a ruína da moral cristã.

Para caracterizar o niilismo como decadência da moral, se faz necessária a leitura de textos específicos. Os escolhidos para esse trabalho foram: *A gaia ciência* citando alguns fragmentos do livro III, porém, é no livro V que nos deteremos para encontrar o fio condutor que consiste em compreender a transição da segunda fase do filósofo para a terceira onde reside o surgimento do niilismo nos textos de Nietzsche. Outro que foi utilizado foi o “Niilismo Europeu” que se encontra na reunião dos fragmentos póstumos que recebeu o título de *A vontade de poder*. No decorrer de nossa pesquisa também foi importante a utilização de literatura especializada de comentadores que trazem reflexões sobre o nosso tema.

A postura de Nietzsche diante de sua crítica do niilismo nos orienta em como ele detecta este fenômeno como decadência da moral cristã, para assim promover uma mudança radical no desenvolvimento das novas gerações. Por isso, o filósofo promove a reflexão da necessidade da crítica dos valores para possibilitar a consciência de uma civilização que sucumbe em meio aos seus ideais e se torna cada vez mais sem sentido.

CAPÍTULO I

NIETZSCHE E A PROBLEMÁTICA DO NIILISMO

O capítulo I apresenta o início do conceito niilismo contextualizando-o na história. O seu surgimento e as procações decorrentes da problemática sobre o nada o conduziram por um longo período que se estendeu desde a Grécia antiga até a modernidade, onde causou nos meios filosóficos uma série de discussões. A Europa como um todo pôde em seus meios sociais evidenciar a presença do niilismo das mais diversas formas. A sociedade europeia viu seus sinais e também definiu para o niilismo diferentes sentidos. Por isso, encontramos o niilismo na literatura, na política e nos meios sociais. Foi esse movimento em todas as áreas que levou a filosofia a se posicionar diante deste fenômeno. Em meio a tantos sentidos o nosso intuito neste capítulo é um breve relato histórico sobre o conceito e situar o niilismo defido por Nietzsche no processo evolutivo percorrido por ele e sua utilização em sua obra.

1.1 Uma breve história do niilismo: o espanto com o nada

O niilismo tomou proporções gigantescas diante da sociedade europeia, em especial, o homem moderno, o qual, notadamente, se deparou com a liberdade do pensamento. Porém, deve-se levar em consideração que toda grande descoberta traz consigo as mais variadas consequências. São essas origens como reflexão filosófica que trouxeram à tona um modo de agir e pensar que foi diagnosticado como sendo esse fenômeno denominado niilismo.

O termo, etimologicamente, vem do latim *nihil* que significa nada, e é justamente a partir da concepção do nada de correntes que o trataram como objeto filosófico que desenvolve-se a história do niilismo e a relação que é desencadeada pelos filósofos que se depararam com esse nada¹ extremamente provocador. Em momentos particulares da história

¹Esse primeiro embate do pensamento com o nada se refere a uma obsessão desmedida pelo mesmo. Segundo Volpi (1999, p. 9), um fenômeno inicialmente encontrado no pensamento do sofista Górgias, e, posteriormente por Fridegísio de Tours que foi discípulo de Alcuíno. No texto de Fridegísio de título *De substantia nihili et tenebrarum* há a pretensão de provar que o nada se impõe com sua presença. E assim há no nada algum ser, alguma substancialidade. Pode-se encontrar, também, em algumas meditações do filósofo expoente da mística medieval, Mestre Eckhart, em uma *annihilatio* quando declara que “Deus e o nada,” o anjo, a mosca e a alma” são a mesma coisa. Ainda no texto de Volpi sobre o Niilismo é possível encontrar outras correntes filosóficas que tratam dessa problemática, principalmente, em meio ao Renascimento. Como é caso de Charles De Bovelles, em *Liber de nihilo* (1509), ou mesmo Leonardo da Vinci, em *Codex Atlanticus*, sendo esses apenas alguns dos exemplos.

esse espanto se dá de maneira natural, uma simples constatação do real. Todavia, o que se pôde perceber é que nenhum momento anterior das discussões acerca do niilismo foi tão intrigante para o homem quanto da mudança de perspectiva que levou de sua utilização de mero conceito a um problema filosófico. Juntou-se a isso uma época bem específica que dá início à modernidade, período que compreende o final do século XVIII e início do XIX em pura efervescência de produção filosófica na Europa marcada de maneira expressiva pelo nascimento do Idealismo alemão. O esclarecimento intelectual chegou, então, as mais profundas descobertas sobre o fenômeno niilista que assolava a Europa.

Esse contexto histórico ao qual o niilismo está inserido, transcorre desde a mística até a teologia negativa, como no caso do filósofo italiano Giacomo Leopardi (1798-1837). Nomes como Wilhelm Gottfried Leibniz (1646-1716), Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775-1816) e Arthur Schopenhauer (1788-1860) trouxeram também no limiar de suas definições uma busca pela elucidação desse problema que se fez tão importante nos meios intelectuais a fim de desenvolver um novo modo de existência do homem. Muito mais que apenas o desejo de desvendar o verdadeiro sentido do nada, enquanto conceito, seus interesses estão ligados à solução definitiva do niilismo como consequência desse nada. Assim, convém relacionar que esse espanto com o nada é o próprio niilismo atuando inicialmente na filosofia.

A história do niilismo conta também com a utilização do termo por outros autores, como Fiodor Dostoiévski, também considerado um teórico do niilismo ético-metafísico, mas a abrangência de sua obra fica restrita ao caráter filosófico/literário do termo. O que não o torna menos importante diante da história do conceito, pelo contrário, segundo Pecoraro (2007, p.15), no texto *Niilismo*, Dostoiévski revela fielmente a forma exata e as causas das angústias humanas causadas pelo niilismo, um enfrentamento entre as forças humanas e divinas ou um primeiro rompimento entre elas. Conforme se lê:

O que poderíamos definir como o “niilismo ético–metafísico” de Fiodor Dostoiévski (1821–81) representa um momento fundamental na história das idéias contemporâneas. Não apenas pela enorme influência na cultura literária e filosófica e no clima espiritual da época, como pela extraordinária potência da sua configuração do universo no qual o homem e Deus, o mal e o ser rivalizam em uma rixa suicida. Talvez ninguém tenha conseguido exprimir a laceração na qual afunda o mundo, a sua corrupção e a sua redenção, como Dostoiévski e seus personagens.

Mesmo com antecedentes no assunto, o romancista Ivan Turgueniev (1818-1883) foi o primeiro a tomar para si a criação do termo niilismo. Em *Pais e filhos*, um romance de sua

autoria, ele traça aspectos psicológicos e morais dos personagens baseados em suas convicções sobre o niilismo, encontrados principalmente no protagonista Bazarov, que passa a representar a expressão fundamental do momento histórico real. Ou seja, seu personagem é a personificação do niilismo, por se tratar de um jovem que rompe com os valores tradicionais da sociedade em nome de uma nova forma de vida. Volpi (1999, p. 12) explica a definição dada a Bazarov, por Turgueniev, ele é o “homem novo”, o “herói de nosso tempo”. Essa personagem, confirmado pelo seu trabalho como médico humanista, torna-se um grande expoente, verdadeiro modelo da nova geração, capaz de superar as tradições e criar novos valores.

Mesmo sendo uma tentativa importante tomada por Turgueniev, no que se refere ao niilismo, o que se constata é que o autor pôde popularizar com sua literatura o termo na sociedade russa, mas não necessariamente isso o coloca como criador do termo. Anteriormente, como assegura Volpi, o termo já circulava no vocabulário russo, bem como fora dele, onde o conceito social de niilismo era bastante usado². Esta exposição social como objeto de discussão também é encontrada na cultura francesa, principalmente, durante a Revolução, como denominação dos que se mantinham isentos diante da situação histórica. Os niilistas eram os que não se posicionavam nem favoráveis e nem contrários aos ideais da Revolução.

A reação mais clara diante do fenômeno do niilismo, enquanto diagnóstico emocional do estranhamento do homem sobre uma nova cosmologia na Modernidade, é descrita por Volpi (1999, p.16 -17), evocando Pascal:

Ao caracterizar com tanta clareza o estranhamento metafísico do homem moderno, Pascal antecipa, de longe, no limiar da era moderna, a razão mais profunda do aparecimento do niilismo. Quando falta um sentido, quando o “porquê” não obtém resposta, o niilismo certamente aparece.

A partir da concepção do vazio, da falta de sentido e da apropriação da nova realidade que se estabelece com o fim da metafísica, seguido da descrença da existência, há a necessidade de se explorar um novo alicerce para o mundo. Rompido qualquer vínculo transcendental do homem com o divino, o que resta é a pura realidade. Faz-se necessário reescrever a própria história. A liberdade tão almejada, enfim, se apresenta como problema e a humanidade está só em seu próprio abismo. Um dos movimentos filosóficos que surge como

²No âmbito literário o romancista e dramaturgo alemão Karl Ferdinand Gutzkow membro do movimento jovem alemão teria utilizado o termo como título de sua novela *Die Nihilisten* (Volpi, 1999, p.15)

tentativa de dar conta dessa nova liberdade é o existencialismo, pois se apresenta como nova concepção para aceitação dessa nova liberdade.

O niilismo nos seus mais variados sentidos encontra referência também no âmbito social e político, porém não há a necessidade de uma exposição de seu trajeto mais detalhado nesse aspecto. Outro momento em que encontramos o niilismo é no período romântico e também no único pensador católico a tratar desta problemática. O autor Franz Von Baader que se influencia e retira sua ideia de niilismo da cultura francesa. Faz considerações sobre o tema partindo do autor Joseph de Maistre, esta influência pode ser notada em dois de seus trabalhos intitulados *Sobre o catolicismo e protestantismo* e *Sobre a liberdade da inteligência*.

A concepção do niilismo de Baader é lançada sobre o protestantismo, nele se refere a uma demonstração do niilismo científico, o que o torna destrutivo por ir de encontro a valores propostos pela religião católica. Logicamente, seu argumento traz como solução para o problema o retorno ao catolicismo como meio para restabelecer a ordem. O que ele chama de “conceito de autoridade”, nos campos eclesiásticos, políticos e científicos. Seu entendimento do niilismo confere ao mesmo um sentido de destruição que convém para dissolver as regras tradicionais e como consequência dessa desordem religiosa se dá o desequilíbrio social. Ou seja, na conjuntura social essa perda de sentido decorre de uma nova concepção religiosa, o que, conseqüentemente, interfere também no aspecto cultural.

Um autor de destaque na história do niilismo filosófico é Max Stirner, em *O único e a sua propriedade* (1844), onde o niilismo é compreendido como situação social. Em uma espécie de visão positiva do termo, ele propõe sua superação a partir de uma ótica sobre si. O nada, mais uma vez retomado para definir o niilismo em seu conceito, torna-se expressão de caráter transcendente e o que passa a ser importante é somente a existência originária do indivíduo.

Como o niilismo não é um fenômeno estático e, portanto, não se restringia apenas ao meio filosófico propriamente dito, exemplo disso é a sua importância na Rússia do final do século XIX, onde seu apogeu era nítido na cultura, influenciando diretamente as posições políticas e, principalmente, as correntes ideológicas que passaram de sua utilização no âmbito filosófico para o campo social. O comportamento dos jovens ultrapassou a limitação do pensamento, o que se caracterizou como sendo uma postura anárquico extremo. Diante do poder das instituições, passou-se a questionar todo e qualquer poder constituído, enquanto sociedade organizada e conservadora. A posição do movimento toma como relevante o

individualismo e o utilitarismo, defendendo como ideal o indivíduo e o uso irrestrito da inteligência para combater o poder exercido pela cultura³.

É possível perceber que a problemática do niilismo em Nietzsche segundo Volpi, tem sua origem mais longínqua, mais precisamente no problema do nada que remonta ao sofista antigo Górgias⁴. Vislumbrando como se deu sua avaliação do niilismo em todo o desenvolvimento social cultural é importante notar que os autores que trabalhavam o tema foram fonte para o próprio Nietzsche desenvolver sua concepção sobre o fenômeno e detectar que os valores superiores se depreciaram. Quando o filósofo propõe uma leitura do niilismo voltada para uma crítica dos valores como causa desse mesmo problema ele inaugura um novo sentido para o tema. Criando com esse sentido um problema realmente filosófico diferenciando-se de todas as demais definições que até o momento eram exploradas.

1.2 O surgimento do niilismo nos escritos de Nietzsche

Em toda obra de Nietzsche o niilismo aparece às vezes de modo sutil e, em outros explicitamente trabalhado. Para isso, é possível relacionar a esse fenômeno três fases que demonstram a evolução do seu pensamento, bem como relacionar os acontecimentos de sua vida e a sua experiência com o niilismo. A primeira fase pode ser notada pelo seu distanciamento da cultura alemã, isso consiste na compreensão de que a cultura herdada limita e aparece como fardo, a educação e a moral são, também, mecanismos que sustentam as crenças da sociedade, são responsáveis por submeter o homem a carregar esse peso. Sua primeira obra *O nascimento da tragédia (1872)* revela a inquietação de Nietzsche diante da cultura. Nela o filósofo contraria a imagem de um apogeu da civilização grega compreendendo o classismo grego como decadência.

Outro trabalho de Nietzsche que refere-se ao desapego do filósofo perante a sua cultura e o desmascaramento do apego as tradições históricas são nomeadas de *As considerações impestivas (1878)*. Nesse percurso visto pelo filósofo alemão como grande fardo em transportar o peso da cultura surge o desejo de destruição dos ídolos e de suas crenças, para o qual a crítica é seu principal argumento. O livro de Nietzsche intitulado *Humano, demasiado humano (1878)* traz a reflexão do autor sobre os elementos fundadores

³ Como movimento expressivo de combate a cultura dominante é preciso citar além dos que já foram mencionados outros autores como Nikolai A. Dobrolyubov (1836-1861) colaborador da revista *O contemporâneo* e também Dimitri I. Pisarev(1840-1866) fortes mentores do movimento niilista russo.

⁴ Górgias de Leontini sofista céptico

da cultura e seu entendimento de que os valores, conceitos, preconceitos e toda forma desinteressada de conhecimento que se impõe como verdade são criações humanas.

Obras do autor que se desenvolvem na perspectiva do momento no qual Nietzsche se posiciona como questionador das tradições são *O viajante e sua sombra* (1879) e *Aurora* (1880). Os livros mencionados antecedem a preparação de *A gaia ciência* (1882) quando o mesmo aparece traz uma radicalização no seu pensamento. Nietzsche inaugura com esse livro o caminho sem volta do qual o niilismo se faz peça fundamental para seu desfecho. Esse momento se dá pela transição da segunda fase para a terceira. No final dessa segunda fase se dá a desvalorização de todos os valores, e com eles se faz necessário a ruína do que se relacione a esses valores.

A gaia ciência antecede o *Assim falou Zaratrusta* (1883), que tem sua primeira parte concluída neste mesmo ano. O texto considerado uma obra polêmica, contém uma exposição das metamorfoses do homem. Utilizando figuras simbólicas para caracterizar o percurso do niilismo, nele, Nietzsche atribui aos personagens do camelo, do leão e da criança a problemática pertinente à humanidade. Os seus escritos esboçam um possível caminho para se chegar as conseqüências e a saída desse problema. Essa seria a terceira fase que corresponde a um novo começo, uma nova forma de pensar e talvez criar novos valores. Esta é, portanto, considerada a fase da transvaloração. No livro V de *A gaia ciência* e nos fragmentos póstumos (1880) em *A vontade de poder*, o niilismo aparece como reflexão filosófica ao atingir seu mais alto grau de aprofundamento porque, nele, Nietzsche desperta para origem e traça seu percurso até propor uma tranvaloração.

A gaia ciência é esse novo horizonte no qual seu autor faz uma transição de pensamento que o acompanhará até o fim de sua obra. As transformações pelas quais passou sua obra são a demonstração do niilismo caracterizado em cada personagem criado por ele para ilustrar esse fenômeno. No último livro de *A gaia ciência*, considerada uma literatura preparatória para o *Assim falou Zaratrusta* iniciasse o primeiro passo para a desconstrução dos ideais. A morte de Deus é um grande acontecimento que acabou passando despecebido para os modernos, e Nietzsche acha válido ir além desse evento para com isso mostrar o niilismo em uma outra perspectiva. Lefranc (2007, p. 103) assegura que algo aconteceu por volta de 1876 que modificou o pensamento de Nietzsche:

Ele não fala mais em termos de evolução, mas da libertação de um “instinto”, de uma necessidade intelectual travada por um triplo laço: o da relação com Wagner e com sua obra, o de seu trabalho e da escolha de sua

formação que, como diz aqui, curiosamente, foi fortuito, e o da metafísica schopenhaueriana incapaz de elevar-se acima dos valores cristãos.

Foi esse momento auto afirmativo de modificação que fizera Nietzsche superar o pessimismo ainda ligado à segunda fase. Começa, assim, a trajetória onde o autor passa a desprezar a Alemanha e a criticar a cultura. As crenças até então perdem seu sentido, algo que em Nietzsche aflora naturalmente. Outra motivação para ele teria sido a influência do moralismo francês pelo apego ao tema da decadência. O desenvolvimento da decadência está diretamente ligado ao niilismo, visto a compreensão de Nietzsche que vê faces de um mesmo problema em ambos, pois os mesmos se entrelaçam no contexto histórico. Volpi (2012, p.50-51) escreve sobre a leitura de Nietzsche da literatura francesa:

O tema da decadência, intimamente ligado ao do niilismo, perpassa, por assim dizer, toda obra de Nietzsche e se torna para ele, após o estudo da literatura francesa e dos *Essais* de Bourguet⁵, um filão temático central na reflexão de seus últimos anos de lucidez. É o que se pode ver no libelo *Nietzsche contra Wagner*, em cujo prefácio já se encontra vestígios da influência de Bourguet. Para Nietzsche, trata-se de “um ensaio (*Essai*) para psicólogos, *não* para alemães” (VIII, III, 399), aludindo, naturalmente, à perspectiva “psicológica”, contraposta à moral, que Bourguet adotava para poder entender a decadência numa ótica positiva.

O homem moderno pôs à prova tudo que estava ligado ao conhecimento deixando de lado e sem solução o problema implícito da moral que ainda se submetia ao domínio dos valores cristãos. E mesmo quando havia um sentido mais restrito em relacionar a fé à exaltação da racionalidade extremamente científica, essa mesma, para Nietzsche, continuava sendo crença. Em *A gaia ciência*, no livro III, aforismo 125, se encontra a anunciação da morte de Deus que inaugura todo desenvolver de seu pensamento posterior, inicia-se, portanto, a terceira fase de sua filosofia. Nele, especificamente, o filósofo está se dirigindo aos homens de conhecimento, ou seja, os pensadores que conseguiam compreender uma nova realidade mas que no mesmo viés não se dissociavam da moral. O niilismo aparece quando da constatação da morte de Deus, é a partir desse evento que a modernidade, para Nietzsche, precisa urgentemente se dá conta para, enfim, passar à análise da moral cristã como problema. Nesse contexto Nietzsche enfatiza:

O homem louco. – Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar

⁵ Paul Bourguet (1852-1935) romancista e crítico literário francês. Escritor de *Le Disciple*, 1889. Forte expoente na literatura do final do século.

incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? Disse outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? – gritavam e riam uns com os outros. “O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar.” Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós o *matamos*–você e eu. Somos todos assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para frente, em todas as direções? (NIETZSCHE, 2004, p.147-148)

Mais que apenas a anunciação da morte de Deus, trata-se da consequência natural da decadência de toda uma cultura que ainda se mantém. A moral fundamentada em bases herdadas do cristianismo reflete em todos os seguimentos dessa sociedade. O propósito de Nietzsche está em questionar toda forma de crença que leve o homem ao abandono do real. O anúncio feito pelo homem louco é mais uma forma simbólica que filósofo encontra para sinalizar que o fato da morte de Deus não está ligado somente a um problema teológico, mas à confusão causada por esse acontecimento ao pensamento, os quais não eram estranhos ao que estava sendo anunciado. Era a constatação de um evento inevitável que parecia ser imperceptível, o que transparece que não é preciso somente a anunciação da morte do legislador para que haja uma transvaloração de valores. Os valores decorrentes da moral cristã também devem ser modificados, e para isso o homem moderno ainda não estaria preparado, algo que seria possível talvez em uma nova geração.

Deus, ao desaparecer, leva toda a ordem cósmica que sustentava a história ocidental, ou seja, atinge os sacerdotes com suas crenças, mas também os filósofos, pois retira deles o que dava sustentação ao universo, conseqüentemente, também extingue as verdades eternas, o que até então atendiam à necessidade de servirem como garantia divina. Nietzsche insiste nesse acontecimento como constatação clara da morte de Deus relacionando-a diretamente a aspectos decorrentes da própria situação histórica que se deu pela perda de poder da igreja e da ascensão do ateísmo, deflagrando em uma questão de ordem moral. No aforismo 343, do livro V de *A gaia ciência*, ele percebe essa nova etapa de transição da civilização compreendendo como o niilismo atua como decadência da moral:

O sentido de nossa jovialidade. – O maior acontecimento recente – o fato de que “Deus está morto”, de que a crença no Deus cristão perdeu o crédito – já começa lançar suas primeiras sombras sobre a Europa. Ao menos para aqueles poucos cujo olhar cuja *suspeita* no olhar é forte e refinada o bastante

para esse espetáculo, algum sol parece posto, alguma velha e profunda confiança parece ter se transformado em dúvida: para eles o nosso velho mundo deve parecer cada dia mais crepuscular, mais desconfiado, mais estranho, “mais velho”. Mas pode-se dizer, no essencial, que o evento mesmo é demasiado grande, distante e à margem da compreensão da maioria, para que se possa imaginar que a notícia dele tenha sequer *chegado*; e menos ainda que muitos soubessem já *o que* realmente sucedeu – e tudo quanto irá desmoronar, agora que esta crença foi minada, porque estava sobre ela construído, nela apoiado, nela arraigado: toda a nossa moral européia, por exemplo. (NIETZSCHE, 2001, p.233-234).

Nietzsche tem a pretensão de a partir daqui pôder se entender que o niilismo está atuando na sociedade. Passando a discutir sobre quais são os sinais de decadência que revelam a relação intrínseca entre aspectos físicos e fisiológicos que aparecem como condição niilista em que se encontra a Europa. A descrença diante da moral cristã a falta de sentido, percebida em alguns discursos filosóficos levaram ao entendimento de que a Europa estava no momento ideal para compreender a necessidade de pensar conceitos que se relacionassem com o homem em sua potencialidade. Esse esclarecimento ele destaca como novo, afinal, sua filosofia já vinha fazendo esse processo como característica do niilismo histórico.

A religião, por sua vez, mantém essa dominação do homem, tornando-o escravo das convicções metafísicas. E seu papel é exatamente esse, considerar o homem virtuoso quando ele se submete ao poder divino. O que também acaba acontecendo na Modernidade com a ciência que herda a crença e as convicções na razão para a sustentarem. Afinal, do mesmo modo como a religião se sustenta por convicções, a ciência também busca por verdades.

Nietzsche se dispõe a promover a dissolução das verdades e dos pressupostos de veracidade. O filósofo escreve em *Zaratrusta* que a morte de Deus é uma das metamorfoses do homem niilista que diante desse fenômeno percebe que o dogmatismo nada mais é que apenas uma ilusão. Pecoraro (2007, p.22-23) descreve como se dá o processo as três metamorfoses, em *Zaratrusta*:

A metáfora suprema, o sentido último pereceu; a verdade não existe, mundo ideal e mundo aparente se dissolvem, só há máscaras e a criação incessante de novos mitos. A consumação do “iluminismo” nos seus efeitos niilistas, porém, não encontrou ainda uma humanidade capaz de corresponder-lhe. É preciso, pois, que alguém lhe indique o caminho, vale dizer, Zaratrusta, com seus mitos e suas máscaras. O começo dos discursos (“Das três metamorfoses”) é, a um só tempo, diagnóstico e terapia, descrição e profecia. É uma espécie de “fenomenologia do mundo” na qual Nietzsche compreende a evolução do seu próprio pensamento. O espírito que se torna camelo, “animal de carga, suportador e respeitador”, que carrega os pesados fardos

da tradição; a sua transformação em leão e a revolta niilista. O leão, porém, não pode criar novos valores, mas pode criar por si liberdade de novas criações. Ele pode conseguir essa liberdade e opor um sagrado “não” também ao dever. Por fim, a tão almejada “redenção”, com o espírito que se torna criança. Ela é “inocência”, “esquecimento”, um “novo começo”, uma “roda que gira por si mesma”, um “movimento inicial”.

A importância de se pensar o niilismo em Nietzsche como forma de aceitação possível passa por essa relação em percebê-lo presente na moral. O seu ápice filosófico no que se refere a relação entre niilismo e a decadência da moral cristã acontecerá precisamente no texto “Niilismo europeu” no início da obra *‘Vontade de poder’*, onde foi publicado. Nele se encontra as definições do niilismo como residindo na interpretação moral cristã. Para o autor, o que se apresenta à humanidade surge da herança cultural e essa obra revela até que ponto a decadência da moral cristã é reflexo do niilismo. Ela até certo ponto determina o caminho pelo qual a humanidade deverá se guiar.

Os primeiros esforços de Nietzsche em tornar possível uma transvaloração aparecem como uma forma de deixar que o niilismo seja compreendido nesse processo. Na *Genealogia da moral* o autor inicia sua crítica mais consistente aos valores. E deixando-se entender que a origem desses mesmo valores são niilistas por terem surgido como uma primeira resposta ao momento decadente da moral aristocrática. Essa genealogia permite sustentar a definição de niilismo a qual Nietzsche se propôs a defender. Nela se encontra os primeiros sinais do niilismo se desenvolvendo como interpretação moral cristã.

CAPÍTULO 2

INTERPRETAÇÃO MORAL E NIILISMO NA GENEALOGIA DA MORAL

O trajeto percorrido historicamente pelo niilismo até a definição do conceito filosófico proposto por Nietzsche, revela que, ao constatar o momento decorrente do novo horizonte conquistado pela liberdade do pensamento, se exigiram um novo posicionamento diante da nova realidade que se apresenta. A morte de Deus determina a perspectiva do sentido em que Nietzsche constroi a sua crítica a interpretação moral. A obra genealógica serve de suporte para o desenvolvimento do conceito de niilismo. Nela o intuito é encontrar elementos relevantes que convergem para o entendimento do conceito proposto por Nietzsche decorrente da interpretação moral cristã.

As semelhantes circunstâncias com as quais o filósofo construiu a origem dos valores levam a perceber a presença do niilismo já previamente na construção de sua crítica dos valores, e como consequência desse fato a atribuir esse processo a interpretação moral, que já aparece em algumas postulações das dissertações que compõem o pensamento neste trabalho do filósofo.

2.1 O niilismo como consequência da transvaloração da moral cristã

Nietzsche problematiza a moral partindo do niilismo como consequência, ou seja, traçando uma genealogia na qual determina que, os fenômenos pelos quais a humanidade se depara são reflexos desse mesmo evento. O próprio homem perde sua importância quando a lógica da moral se eleva. O sentido relacionado a ele até agora era o de herdeiro da criação. Porém, o que acontece é que mesmo diante de um movimento ateu que não quer mais buscar justificativas para provar ou não a existência de Deus, os valores cristão estão intrinsecamente relacionados aos problemas da civilização.

O que vinha sendo postulado como solução para o que a sociedade compreendia como sendo niilismo foi esse fio condutor que foi deixando lacunas. As avaliações morais da sociedade, que se apresenta como superada diante das questões metafísicas, mas que ainda está vinculada com os valores oriundos da interpretação moral cristã devem, para Nietzsche, passar por uma profunda avaliação. Ao se dá a transvaloração de todos os valores o que pode se repensar é uma nova perspectiva desses valores que são e devem ser valores humanos.

Nietzsche ao questionar a moral vai interpretá-la como uma forma de niilismo o que aparece, e conseqüentemente, devido ao modo de se pensar o mundo através de uma determinada interpretação. As avaliações morais correspondem ao erro dos que Nietzsche chama de historiadores da moral. A saída encontrada por ele está relacionada ao fato da origem desses mesmos valores não serem, segundo sua interpretação, conceitos inquestionáveis. Esse modo de perceber uma relatividade existente na moral, que não é uma só, mesmo quando se trata da mesma origem, levou o filósofo a tecer o caminho que irá percorrer na sua crítica genealógica.

A temática da moral surge como a finalização de um ciclo, o que não está relacionado a um fato isolado pois, remontando a história da origem de cada conceito, Nietzsche explica a inversão de cada sentido ocorrido ao longo desse percurso. Como para o filósofo a história é uma das ferramentas necessárias para fazer do homem um ser devedor de seus ancestrais, sua atual descrença o apriossina a esse dever de sustentar a moral. Um conceito de dever e de verdade torna-se um ponto cujo sentido passa a ser diferente do da sua verdadeira origem.

Por isso ele propõe uma análise partindo do valor desses valores com a pretensão de afirmar a origem dos valores. Essa noção de lançar sobre sua cultura esse olhar faz com que Nietzsche apresente seu primeiro diagnóstico do niilismo na primeira dissertação da *Genealogia da moral*. Assim ele escreve:

Pois assim é: o apequenamento e nivelamento do homem europeu encerram nosso grande perigo, pois *esta* visão cansa... Hoje nada vemos que queira se tornar maior, pressentimos que tudo desce, descende, torna-se mais ralo, mais plácido, prudente, manso indiferente, medíocre, chinês, cristão – não há dúvida o homem torna-se cada vez “melhor”... E precisamente nisso está o destino fatal da Europa – junto com o temor do homem, perdemos também o amor a ele, a reverência, por ele, a esperança em torno dele, e mesmo a vontade de que exista ele. A visão do homem agora cansa – o que é hoje o niilismo, se não *isto*?... Estamos *cansados* do homem... (NIETZSCHE, 1998, p.35)

O método genealógico mostra, simplesmente, que a tradição moral cristã é causadora desse desprezo do homem diante da existência. Ele demonstra a reconstrução dessa moral não mais a enxergando como algo intrínseco ou mesmo inerente ao homem como até então fora pensado, pois a moral para Nietzsche não se trata de um ‘*a priori*’. A explicação para a desmistificação dessa moral parte da compreensão de que, sendo os termos criados e relacionados a ela pelos homens para explicarem ou responderem aos problemas filosóficos, ela refere-se a um sinal de que o niilismo é esse crê do homem em seus princípios, o que vai

de encontro aos interesses de Nietzsche que os desconstrói ao atribuir à história humana uma genealogia⁶ capaz de criar valores que sejam apenas humanos. Lefranc faz essa relação nesse trecho citando como exemplo a crítica direta que Nietzsche fizera ao *Tratado do servo – arbítrio*, de Lutero. Leia-se:

No que de início se apresenta como uma seca enumeração já aparece os elementos de uma crítica genealógica do antropocentrismo próprio não só aos teólogos, mas também aos filósofos idealistas; os valores morais e religiosos são antes de tudo palavras; sob as entidades designadas pelas palavras, encontramos o corpo, estados fisiológicos e cenestésicos que se explicam pelo sistema nervoso “simpático” (*nervus sympathicus* no texto), correspondendo a um certa idiosincrasia (termo de origem médica por sua própria natureza) (LEFRANC, 2008, p. 173).

A moral é uma criação humana, é assim que deve ser avaliada e repensada, pois a mesma é fonte de educação do homem em sociedade. Esse meio de se manter um controle para convivência em sociedade fez anular o indivíduo que passou a deixar se dominar por um ideal a ser alcançado e esse desejo é o que sustenta a moral vista como decadente. A civilização ocidental, herdeira de uma cultura que resgata da história sua referência, mantém a postulação sobre a existência de uma realidade suprassensível, um além mundo divergindo do mundo aparente ou da nossa realidade sensível. O que implicou, necessariamente, em uma primeira desvalorização da humanidade, a vida passou a ser algo posto na balança e pode ser julgada, medida, limitada, o que também fez do pensamento esse julgador que consegue criar uma medida, um limite que se funda nos valores superiores.

O niilismo como visão da criação de valores que emergiram da submissão humana de uma revolta escrava contra os senhores, como define o filósofo alemão, levou a humanidade ao completo engano na compreensão de si. De um ponto de vista analítico, Nietzsche contrapõe a valoração criada sob a perspectiva dos nobres aristocráticos, tomando como exemplo os guerreiros dos tempos homéricos, cuja tipologia se dá através de qualificação dos conceitos bom e ruim. O conceito de bondade recebe como valor um atributo tomado a partir de si mesmo e, respectivamente, o conceito de ruim serve como uma atribuição aos fracos, uma distinção.

Essa mudança dos valores tomou proporções imensuráveis, visto que igualou a todos os que se sentiam fracos e passou a ser conduzida a partir do que Nietzsche chama de rebelião escrava na moral. Enquanto os valores criados pelos nobres partiam de si mesmo, quando se

⁶Genealogia é um termo comum usado em linguística histórica pelos filólogos em pesquisas para classificação das línguas por famílias no intuito de encontrar semelhanças entre palavras fazendo surgir novas interpretações

fez a mudança denominou-se como mau os senhores (nobres) e bom os fracos. Aparentemente, a impressão em um primeiro momento é que o movimento nesse processo é igual, mudando apenas a perspectiva. Contudo, Nietzsche entende sobre o que acontece na classe nobre, como se tratasse de um movimento que parte de uma auto-afirmação, diferentemente do empregado pelos fracos, que parte de uma prerrogativa negativa, ou seja, a mudança dos valores surge como reação, inaugurando uma concepção de bondade, partindo do pressuposto de auto avaliação.

A transvaloração é essa mudança de perspectiva da classe sacerdotal aristocrática, que se revela ainda em análise genealógica. Um modelo dessa mudança acontece do judaísmo para o cristianismo. Sobre esta classe, Nietzsche (1998, p.24) enfatiza:

Por outro lado, a natureza de uma aristocracia sacerdotal esclarece por que precisamente aí as antíteses de valores puderam bem cedo interiorizar-se e tornar-se mais intensas; de fato, através delas abriram-se finalmente, entre os homens, abismos tais que mesmo um Aquiles do livre - pensar hesitaria transpor. Já de início existe algo *malsão* nessas aristocracias sacerdotais e nos hábitos que nelas vigoram, hábitos hostis à ação, em parte meditados, em parte explosivos sentimentalmente, cujas seqüelas parecem ser debilidade intestinal e a neurastenia quase que fatalmente inerentes aos sacerdotes de todos os tempos; mas o que foi por eles mesmos inventado como remédio para essa debilidade -- não é preciso dizer que afinal demonstrou ser mil vezes mais perigoso, em seus efeitos ulteriores do que a doença de que deveria curar? A própria humanidade sofre ainda os efeitos dessas veleidades de cura sacerdotais!

O niilismo como consequência de toda a negação da vida é motivado pela moral sacerdotal, que foi tomada como modelo pelo homem como meio para buscar satisfazer um determinado ideal. Servindo como cura para os problemas humanos, conduziram ao desejo pelo nada. Foi nessa observação que Nietzsche pôde enxergar o começo do fim, um prelúdio da vontade que conduz à negação da vida que se dá pela interiorização desses valores que se estabelecem como conceitos da própria filosofia, comuns no vocabulário dos filósofos.

A moral é o niilismo sendo sintoma quando aprisiona; e causa, quando em suas diversas nuances surge como propósito de tratamento para os males humanos. Através dela se dá a negação da vida. Uma de suas nuances aparece como tentativa de purificação da alma, essa mesma refere-se ao sublime objeto capaz de tornar a todos semelhantes. O argumento utilizado pela moral que tem como meio de confirmação dessa semelhança o sacerdote, esse personagem para Nietzsche é um doente, que serve única e exclusivamente para enxergar a

doença no outro e ao mesmo tempo mostrar lhe a cura. Essa é sua responsabilidade. Nietzsche escreve:

Com os sacerdotes tudo se torna mais perigoso, não apenas meios de cura e artes médicas, mas também altivez, vingança, perspicácia, dissolução, amor, sede de domínio, virtude, doença – mas com alguma equidade se acrescentaria que somente no âmbito dessa forma essencialmente perigoso de existência humana, a sacerdotal, é que o homem se tornou um animal interessante, apenas então a alma humana ganhou profundidade num sentido superior, e tornou-se má [...] (NIETZSCHE, 1998, p. 25).

O sacerdote, exemplo dessa mansidão, aponta os sintomas do niilismo. Nesse sentido, Nietzsche deixa evidente que o modo de valoração nobre sacerdotal visa a ideia de submissão, de enfraquecimento. Ao conceituar erros, pecados e falhas humanas o sacerdote consegue a domesticação do homem, ou seja, uma condição para a existência da humanidade teria sido o de se tornar um ser civilizado. Que pudesse viver de maneira harmoniosa entre seus iguais. Desse modo, se deu a capacidade de controle do sacerdote ascético diante da fixação dos valores do ressentimento. Essa personagem do sacerdote é figura indispensável para a lógica do cristianismo, pois, é nela que se tem a noção dos efeitos do ressentimento e do desejo de vingança.

Degrada-se a existência em favor de um mundo verdadeiro, o que populariza uma concepção de duas realidades. Desse modo, a crença decorrente dessa concepção hegemônica os povos tornando-os semelhantes. Assim, se dá a ideia de uma grande comunidade cristã, que não se limita a fronteiras e nem a sua origem genealógica. Contudo, Nietzsche, em sua interpretação da cultura e da moral, entende que esse modo de existir não conduziu a civilização a superar o niilismo, antes a fez mergulhar mais profundamente no mesmo. Assim se mantém essa relação entre as doutrinas que se perpetuaram na civilização como dogmatismo e alguns sistemas democráticos, que em sua essência são para Nietzsche reflexo da vontade de rebanho. O conceito de virtude difundido pelo cristianismo distorce o sentido de virtude⁷ tomado por Nietzsche. Para o filósofo que busca a origem do conceito para sua argumentação o sentido do termo encontra outra definição. São nessas sutilezas que ele demonstra traços do niilismo que estão presentes na *Genealogia da moral*, onde se lê:

Pode-se ter completa razão, ao guardar temor e se manter em guarda contra besta louca que há no fundo de toda raça nobre: mas quem não preferiria mil vezes temer, podendo ao mesmo tempo admirar, a *não* temer, mas não mais

⁷*Virtú* (Virtude tomada por Nietzsche no sentido pleno da palavra *Vir* = Varão do latim) designava qualidades físicas e morais dos próprios homens, os atributos *viris*, como coragem a bravura, o vigor, a energia. A virtude, portanto, não supunha nenhuma noção de humildade, mas sim de virilidade.

poder se livrar da visão asquerosa dos malogrados, atrofiados, amargurados, envenenados? E não é *nosso* destino? O que constitui hoje nossa aversão ao “homem”? – pois, nós *sofremos* do homem, não há duvida. – Não o temor; mas sim que não tenhamos mais o que temer no homem; que o verme “homem” ocupe o primeiro plano e se multiplique; que o “homem manso”, o incuravelmente medíocre insoso, já tenha aprendido a se perceber como apogeu e meta – que tenha mesmo um certo direito a assim sentir, na medida em que se perceba à distância do sem número de malogrados, doentios, exaustos, consumidos, de que hoje a Europa começa a feder, portanto como algo menos relativamente logrado, ao menos capaz de vida, ao menos afirmador de vida [...] (NIETZSCHE, 1998. p.34).

Nietzsche trata do momento vivido em sua realidade ao deparar-se com o niilismo decorrente da moral cristã. Afinal, ele entende como uma sucessão natural do processo histórico do niilismo ocorrido desde o platonismo passando pelo judaísmo, e se concretizando no cristianismo. Ao adotar os mesmos ideais, junto à crença da possibilidade de existência de um mundo transcendente que se alcança como recompensa por ter suprimido as paixões e os instintos em favor da possível salvação da alma. A mudança dos valores morais dos escravos, quando a classe sacerdotal dominou a aristocracia guerreira, converteu o que era superioridade espiritual, o que, até então, era primazia política. Traçou-se, assim, os primeiros passos do caminho para a decadência da cultura ocidental.

Ao questionar o sentido do cristianismo como uma proposta de universalização para a humanidade, mas na verdade compreendendo que em suas origens ele surge dos sentimentos de negação, como no caso do ressentimento, foi o que para Nietzsche deu origem ao cristianismo como sintoma do niilismo. Sobre essa mudança ele diz:

Em um sentido até mais profundo e decisivo, a Judéia conquistou com a Revolução Francesa mais uma vitória sobre o ideal clássico: a última nobreza política que havia Europa, a da França dos séculos XVII e XVIII, pereceu sob os instintos populares do ressentimento – nunca se ouviu na terra jubilo maior, nem entusiasmo mais estridente! É verdade que em meio a tudo isso aconteceu o mais prodigioso, o mais inesperado: o antigo ideal mesmo apareceu em carne e osso, e com esplendor inusitado, ante aos olhos e a consciência da humanidade – mais uma vez, em face da velha senha mentirosa do ressentimento, a do privilégio da maioria, diante da vontade de rebaixamento, de aviltamento, de nivelamento, de atraso e ocaso do homem, ecoou, forte, simples e insistente como nunca, a terrível e fascinante contra senha do privilégio dos raros! (NIETZSCHE, 1998, p. 44-45).

Para Nietzsche, os valores provenientes da moral aristocrática se erguem como criadores de novos valores. No entanto, a história da moral herdada do cristianismo é o reflexo da revolução escrava da moral, como sucumbiu à aristocracia romana através do ressentimento e da vingança. Não se pode pensar o cristianismo na leitura de Nietzsche como

a construção de uma crítica limitada a uma crença, pois ele trata o cristianismo sobre uma perspectiva de caráter ideológico. Assim, a domesticação dos homens é esse processo de nivelamento entre os povos, o que foi conseguido pelo esquecimento histórico que ocasionou o domínio da cultura.

Nesse contexto, como representação de uma forma de liberdade abre-se um breve momento para um novo sentido que se encontra como consequência da interiorização dos sentimentos. Com a dissolução da intervenção direta da igreja na relação do homem com Deus destaca-se, nesse sentido, a Reforma Protestante como uma perspectiva de compreensão do sacerdote. Ao abolir a religião, em seu lugar, interiorizou-se o sacerdote, o fiel passou a ter esse contato direto com Deus que não é mais um ser externo. Ele habita no interior da alma humana, o que torna ainda mais conflitante o diálogo com o exterior fortalecido pelo argumento da existência do livre arbítrio⁸ que determina as ações partindo de escolhas. Mais um fato que o cristianismo incorpora à sua ideologia, e esta assegura o sentido de dever dentro de uma ordem moral do mundo que tem como guardião o sacerdote.

2.2 O niilismo como consequência da domesticação do homem

O domínio psicológico do homem pela moral refletiu diretamente na concepção nietzschiana de niilismo. Ao identificar o homem como doente o filósofo se refere ao sintoma característico desse fenômeno. O cristianismo com seus efeitos atinge não só o modo de agir de uma sociedade, mas o ser humano em toda sua dimensão. Os valores dos ideais ascéticos possibilitaram criar uma rivalidade entre a moral e a vida que impossibilita a vontade de poder, mas ao mesmo tempo puderam tornar o homem cada vez mais confiável, capaz de conter impulsos tornando-os previsíveis.

Por meio da assimilação psíquica com a qual o homem pôde interiorizar os valores da moral cristã, simultaneamente ocorreu o total esquecimento. O fato que o torna diante da vida um ser inerte. É o esquecimento essa capacidade de proteção que resguarda a consciência como legisladora das ações, ele mantém esse papel de criar e executar sobre ela a responsabilidade sobre si, algo que o homem ao longo do processo de niilismo desenvolveu:

A tarefa de criar um animal capaz de fazer promessas, já percebemos, traz consigo, como condição e preparação, a tarefa mais imediata de tornar o homem até certo ponto necessário, uniforme, igual entre iguais, constante, e, portanto, confiável. (NIETZSCHE, 1998, p.48).

⁸Nietzsche não concebia tal definição visto que o livre arbítrio seria mais um dos artificios de dominação criada pelos teólogos como forma de interiorizar responsabilidades ao homem, culpa-los por suas decisões

Quando a crença revela que toda ação possui um caráter de escolha de quem a pratica, a liberdade se torna um peso para o homem, pois ele é seu próprio referencial de valor, e essa sensação de uma evolução proposta pelo cristianismo assegura esse domínio conveniente que foi alcançado pelo oportuno progresso histórico. A moral promove a criação do indivíduo soberano, o qual exerce sobre si a aplicação do conjunto de regras adotado por ele mesmo. Assim se dá a imagem do homem moderno capaz de exercer, como herdeiro da cultura, a reverência necessária ao passado.

O homem é, nesse contexto, um fim, toda a história serviria somente para esse desígnio que se resumiria em transformar o animal em um ser livre que comanda seus atos sobre a influência da moral e tem o poder de fazer promessas. Não há a percepção de que essa mesma vontade de poder desvaloriza a vida quando passa a determinar critérios de avaliação, julgamento e valoração. Ao tornar-se medida de todas as coisas, carrega sobre si a responsabilidade consciente das escolhas diante da vida. Assim se instaura no mesmo um *status* de autonomia e ao mesmo tempo inflama sobre ele um instinto dominante, adquirido pela consciência que passa a ser esse trunfo da existência e ao mesmo tempo se fundamenta com a criação do livre arbítrio. Sobre essa concepção de Nietzsche, Moura (2014, p.124-125) escreve:

Nietzsche não nutria nenhuma simpatia pelo “livre-arbítrio” e o apresentava como um artifício, inventado pelos teólogos, para tornar a humanidade ‘responsável’ pelos seus atos. O sacerdote busca responsabilidades para poder castigar e julgar, a teoria da vontade livre foi inventada tendo em vista o castigo, por uma vontade de encontrar culpados.

Na consciência, a interiorização prolonga, na memória, o que causa dor, a própria história da humanidade resgata os episódios de crueldade como forma de castigo, moralização, criando com isso um primeiro ponto de negação, um não querer que desencadeou a capacidade de prometer fazendo com que assim se pudesse vislumbrar o futuro, pensar e a ele projetar sem cometer os mesmos erros. Para Nietzsche, esse foi o processo que fez surgir a razão capaz de fazer algo se tornar inesquecível, com isso o processo reflexivo refere-se ao desenvolvimento do homem como devedor. Leia-se:

O devedor, para infundir confiança em sua promessa de restituição, para garantir a fiança em sua promessa, para reforçar na consciência a restituição como dever e obrigação, por meio de um contrato empenha ao credor, para o caso de não pagar, algo que ainda “possua”, sobre o qual ainda tenha poder,

como seu corpo, sua mulher, sua liberdade ou mesmo sua vida [...] (NIETZSCHE, 1998, p.53-54).

Outra categoria da consciência é a memória, segundo o filósofo alemão, tem uma importante função nesse processo de dominação por partir do pressuposto de uma evolução da humanidade devido à interpretação moral cristã para adquirir esse domínio da razão que conduz os indivíduos em favor de um coletivo. Assim ele escreve:

Quanto pior de “memória” a humanidade, tanto mais terrível o aspecto de seus costumes; em especial a dureza das leis penais nos dá uma medida do esforço que lhe custou vencer o esquecimento e manter *presentes*, nesses escravos momentâneos do afeto e da cobiça, algumas elementares exigências do convívio social. (NIETZSCHE. 1998, p.51)

A capacidade de pensar desenvolvida em plenitude como um meio para aos poucos ir substituindo os fatos pelo peso da tradição, fizeram o dever e as obrigações se perpetuarem de geração a geração. A força se exerce por meio da memória, ela nada mais é que não a faculdade que se desenvolveu para atender ao longo processo pelo qual o homem se tornou um ser civilizado. Os aspectos com os quais Nietzsche trabalha seus conceitos relacionam-se há pontos de análise psicológica os quais estão associados à responsabilidade, essa se trata da lógica do ressentimento. Ao partir da premissa do querer ser mau, pois se poderia ter escolhido viver de modo diferente. Em Nietzsche, essa possibilidade de escolha também encontra-se como a ação do niilismo, nesse caso, como consequência da domesticação humana. Ao perceber o sofrimento de si diante da sua responsabilidade em relação a vida, homem como reflexo sofre pela incerteza do futuro.

O temor em ter esse domínio em escolher algo que seja aceitável, o caráter impositivo que determina as ações impregna a sociedade. No inconsciente coletivo a moral cristã se tornou hábito transformado algo que, até então, era um ideal de um grupo a objetivo da maioria. Esse movimento de negação da individualidade associado às terapias de cura e a negação da vida levam à renúncia da plenitude da existência, um não querer diante da vida que é o próprio fenômeno. Não há uma superação desses sentimentos, o niilismo é esse constante desejo de que o sofrimento humano ou o castigo é consequência da própria culpa.

2.3 O niilismo como efeito do sentimento de culpa

Quando o niilismo se apresenta à humanidade como parte dela, torna-se cada vez mais evidente o abismo invisível que ele assegura. O psicológico conduz a um aprisionamento

dos sentimentos. Com a consciência exercendo o papel de fiscalizadora dos atos, os homens se tornaram mais culpáveis. Esse processo foi construído partindo da compreensão de que as ações humanas estão na consciência e são os mesmos responsáveis por controlá-las. Nietzsche atribui a intensificação do niilismo como efeito causado pelo empenho do pensamento diante da história. Esse resgate do método nietzschiano mostra o grau de comprometimento do homem pelo sentido que se deu sobre uma lógica bem específica, a do cristianismo.

Nessa linha de raciocínio adotada por Nietzsche, a partir da análise da gênese do conceito de culpa e sua real utilização antes da mudança dos valores pela moral cristã:

Esses genealogistas da moral teriam sequer sonhado, por exemplo, que o grande conceito moral de “culpa” teve origem no conceito muito material de “dívida”? Ou que o castigo, sendo *reparação*, desenvolveu-se completamente a margem de qualquer suposição acerca da liberdade ou não-liberdade da vontade? – e isto ao ponto de requerer primeiramente um *alto* de humanização, para que o animal “homem” comece a fazer aquelas distinções bem mais elementares, como “intencional”, “negligente”, “causal”, “responsável” e seus opostos, e a levá-las em conta na atribuição do castigo. (NIETZSCHE, II, 1998, p. 52)

Com a evolução da consciência, a moral do cristianismo, que é niilismo, incorpora-se o sentido de dívida. A compreensão de uma relação que evolui sobre a perspectiva econômica para a perspectiva das relações sociais leva a atribuir esse sentimento num primeiro momento relacionado a uma divindade. Com o desenvolvimento do esclarecimento, a dívida também volta-se para o universo do psicológico. O dever de se prestar reverências interioriza-se também. O homem não deve mais a sua existência e seus atos a um ser exterior, o que promove um vazio e o sentimento de culpa.

A consciência e a má consciência tiveram, segundo Nietzsche, com a doutrinação do cristianismo, um significado distorcido. Sendo assim, ao homem não lhe era permitido agir por sua própria vontade devido à vigilância exterior, e agora ele mesmo passa a não se permitir. A interpretação moral cristã torna o homem a si mesmo culpado, mas também aos outros, esse prazer está em constatar que diante da força de potência do outro haja uma desigualdade para com ele mesmo e, ao se sentir motivado pela injustiça, a sensação de vingança os tornará, em seu interior, comparáveis.

As ações originaram-se pela crença, passando a motivar-se pelo dever. Elas mesmas são causadoras do sentimento de culpa ou, quando tratam de algo em função do bem, trazem o sentido de dever cumprido e, assim, o homem passa a ser esse carregador de fardos que se mantém em constante autovigilância, controlando seus instintos e

exercendo constantemente o domínio sobre si.

Para Nietzsche, o dever, os castigos e as próprias leis são esferas formuladoras das obrigações que o homem desenvolveu para criar a moral e a ela atribuir um significado. O sentimento de culpa e o dever consolidados pela consciência diante dos fatos são a consequência do ego decadente que precisa se auto afirmar para que o sofrimento não seja só seu e que os outros também venham a sofrer. Para tanto, entende-se como uma necessidade dos seres humanos, uma espécie de compensação o desejo de vingança. Afinal, esse é um dos fundamentos da moral decadente, o esperar pelo futuro que trará a plenitude aos que são injustiçados. Essa falsa ideia de compensação surge também no discurso do filósofo moderno, e assim muito mais que tratar de uma humanidade adoecida, Nietzsche lança seu olhar para os filósofos que se mantêm escravizados pela razão.

Com a moral niilista, as relações de credor e devedor partiram para o campo do universo interior, fato esse que o caracteriza como um fenômeno além de algo psicológico e o transforma em físico. O sofrimento causado como expressão do ressentimento não mais impera como um expoente de causas exteriores a ele mesmo, agora, a mudança se dá ao compreender que o único causador do sofrimento vivido é ele próprio. Desse modo, o homem consciente carrega o peso sobrenatural de seus atos o que para o sacerdote se traduz como pecado. A má consciência toma sobre si o papel de transformar a dor em punição para o pecador. O sofrer passivamente pode reparar o mal cometido e, por conseguinte, o dever agora, é cumprir de maneira resignada o suplicio da própria existência.

Uma vez que o niilismo se apresente ao homem como modelo de uma moral, o mesmo adquire a certeza de que deve, quando não corresponde aos preceitos dessa moral, sentir vergonha de seus atos. Assim revela-se a sensação causada, angústia e desprezo a si mesmo e também à existência. Nietzsche enfatiza:

O ensombrecimento do céu acima do homem aumentou à medida que cresceu a vergonha do homem *diante do homem*. O olhar pessimista enfatiado, a desconfiança diante do enigma da vida – estas não são características das épocas de maior maldade do gênero humano: como plantas pantanosas que são, elas surgem apenas quando há pântano que necessitam – refiro-me à moralização e ao amolecimento doentios, em virtude dos quais o bicho “homem” aprende afinal a se envergonhar de seus instintos. (NIETZSCHE, 1998, p. 56-57).

Portanto, a mudança desenvolvida pela moral cristã elabora sobre a história um sentido que faça do homem um ser que possa compreender esse mesmo sofrimento como caminho para algo além da existência. Esse impasse que aparece de forma a vir mostrar a prática do cristianismo se deu pelo sofrimento. Nietzsche em sua argumentação com relação a perceber esse fato expõe que o cristianismo é fonte inesgotável para essa forma de niilismo, principalmente na Modernidade. São os desígnios de uma moral que tira da vida o seu em si para reduzi-la a uma passagem que justifique todo e qualquer sofrimento em favor da virtude humana. E, assim, vê-se a necessidade nesse melhorar a humanidade tentando esse feito através do despertar das semelhanças, igualando a todos os indivíduos como seres de um mesmo povo.

Nietzsche inclui como diagnóstico da civilização europeia adoecida o contágio pela moral cristã, o niilismo como pressupostos de defesa da vida que, ao contrário, se revelam inibidoras da mesma. A vida, em Nietzsche, está sempre em um eterno processo de construção, uma eterna luta constante da qual requer que o homem se supere como personagem principal. Nesse percurso, ele mostra claramente onde foi buscar a origem genealógica do niilismo algo que está descrito no seus escritos póstumos, *Vontade de poder*.

3 CAPÍTULO

O NIILISMO EUROPEU COMO RUÍNA DA CULTURA

Na interpretação moral Nietzsche apresenta os argumentos necessários para a compreensão da sua definição de niilismo. A construção desenvolvida pelo filósofo alemão ao buscar as origens dos conceitos que fundamentam a moral cristã deram sustentação para a conclusão de niilismo. Na *Genealogia da Moral* o filósofo traz um esboço do que, posteriormente, seria sua proposta de desenvolvimento cultural como declínio. O niilismo aparece como consequências da transvaloração da moral cristã e também como domesticação do homem. Por fim, ele apresenta um efeito: o do sentimento de culpa.

Nietzsche começa a preparar a transvaloração dos valores algo que encontra-se nos seus fragmentos póstumos reunidos no '*Vontade de poder*'. Neste capítulo discorreremos sobre o niilismo relacionado com a derrocada da cultura e também sobre suas causas, segundo a leitura de Nietzsche, que identifica como o pessimismo e a decadência são características do mesmo fenômeno. O niilismo também é proposta de transformação e Nietzsche consegue percebê-lo como possibilidade para que haja a transvaloração dos valores.

3.1 As causas do niilismo e a interpretação cristã

Friedrich Nietzsche em seus escritos póstumos vai além dos seus antecessores no problema do niilismo, ele retoma dois séculos na busca dos primeiros sinais da ascensão do inevitável evento denominado niilismo. O filósofo, por sua vez, descreve-o a partir de sua própria relação com este fenômeno. Para ele, sua relação com esse evento torna-o o primeiro niilista perfeito da Europa, que o viveu plenamente, chegando, enfim, a seu estágio final. Ele vê o niilismo como um fenômeno necessário que fez parte do processo histórico ao qual a humanidade se submeteu até chegar a seu nível cultural na Modernidade. Em *vontade de poder*⁹ se encontra a resposta mais evidente atribuída ao significado do termo. Quando os valores superiores se depreciam, o filósofo alemão consegue detectar que um novo movimento surge para superar um sentido anterior, e se faz necessário que se estabeleçam outros que ultrapassem e estejam além da existência. Porém, nesse mesmo desenvolvimento, ele se dá conta de que os valores não encontram uma referência, a qual seja absoluta para a existência. Para o filósofo, não há mais na modernidade nada que sustente a existência de valores supremos devido à condução que se estabeleceu na evolução da cultura européia a

⁹ O texto é uma coletânea organizada por Elizabeth Förster, irmã de Nietzsche e por Peter Gast, seu amigo. A primeira edição surgiu em 1901 e uma segunda em 1906.

qual caminha para o declínio. No texto “O niilismo europeu” que se encontra na reunião dos textos póstumos ‘*Vontade de poder*’, considerado uma possível tentativa de finalização, onde o niilismo teria por Nietzsche sua superação, mesmo não tendo conseguido a proposita do filósofo se lança em um tempo que ainda está por vir, como ele mesmo expõe: “O que conto é a história dos dois próximos séculos. Descrevo o que vem, o que não pode mais vir de outro modo: o *advento do niilismo*. Essa história pode já ser contada: pois aqui obra a própria necessidade” (2008, p. 23). Nele são apresentadas as causas que levaram o filósofo a compreender que o niilismo moderno tem seu surgimento com um acontecimento que aparece como recente, a morte do Deus¹⁰ é um fenômeno que expressa a finalização de um ciclo: o homem moderno perde sua origem e com isso perde também seu direcionamento de para onde ir. Perdeu-se a meta e se inicia a submissão do homem à sociedade e a cultura.

Algo que se apresenta como incômodo diante do desejo niilista completo, pois, assim mesmo, o filósofo se vê, tornando-se necessário desconstruir as ideologias da tradição filosófica, analisando seu conceito histórico para libertá-la definitivamente da teologia cristã. Para isso, ele elenca algumas situações das quais retirará o caráter equivocado do niilismo e o relaciona diretamente à teologia e a moral cristã:

O niilismo está à porta: de onde nos vem esse mais sinistro de todos os hóspedes? – Ponto de partida: é um *erro* remeter a “estados de indignância social” ou “degenerescência fisiológica” ou até mesmo à corrupção, como *causa* do niilismo. Estamos no mais decente, no mais compassivo dos tempos, indignância, indignância psíquica, física, intelectual, não é em si capaz, de modo nenhum, de produzir niilismo (isto é, a radical recusa de valor, sentido, desejabilidade). Essas indignâncias permitem ainda interpretações bem diferentes. Mas: em uma *interpretação bem determinada*, na interpretação moral cristã, reside o niilismo (NIETZSCHE, 1987, p. 27).

Primeiramente, é preciso ver que Nietzsche é categórico ao afirmar que o niilismo é expressão de uma moral específica, no caso, a cristã, porque entende que a mesma é o prolongamento do que a história da filosofia, até então, carregou durante todo o tempo como razões para legitimação do sentido de existência tomado como única verdade. Desse modo é possível compreender o niilismo como vontade de poder sobre dois aspectos. O primeiro é a vontade do niilismo que é uma reação negativa diante da vida, ou seja, vontade de nada e

¹⁰ A morte de Deus refere-se principalmente ao fim do domínio da filosofia de Platão e a categoria de mundo verdadeiro que conduziu a criação de outras categorias como a interpretação da existência de um Deus criador.

crença em uma possibilidade que se revela num futuro incerto. E uma outra vontade que reflete o desejo de superação do niilismo através da vontade de vida.

A interpretação do autor de *Vontade de poder* sobre como o niilismo aparece com a interpretação de mundo cristã, refere-se ao fato do homem se dá conta de que não há um sentido para ele na existência nesse mundo. Sua busca por uma finalidade e em uma cosmologia, partindo da premissa do mundo criado, não condiz com a compreensão de mundo infinito, que a ciência passou a se dedicar. Ele assim o compreende e, portanto, não teria motivo à existência detentora de objetivos para um além, visto que a mesma perdeu seu caráter transmutável. Outro ponto é o de que essa mesma moral mantém sobre seu domínio uma tipologia humana específica voltada para a idealização do homem como forma de autopreservação.

A concepção nietzscheana sobre a interpretação moral cristã evoca o sentido claro do prolongamento da filosofia de Platão, nos quais seus principais aspectos se prologam além da religião, onde deveria ser o seu principal reduto. A filosofia platônica, na era moderna, se consolida enquanto moral e esta, ainda, como refúgio dos decadentes que necessitam estar sob a dominação daquilo que os legitime. Nietzsche (2008, p. 29-30) enfatiza:

Mas entre as forças qua a moral cresceu estava a *veracidade*: esta volta-se finalmente contra a moral, descobre sua *teleologia*, seu modo de considerar *interessado* – e agora o *entendimento* [*Einsicht*] atua [*wirkt*] nessa mentira encarnada há muito, da qual se desespera de livra-se, como estimulante. Constatamos agora necessidades em nós, implantadas pela interpretação moral desde há muito, que nos aparecem como necessidades do não-verdadeiro: por outro lado, aquelas necessidades nas quais o valor parece estar [*zuhäntgen scheint*] nos fazem suportar viver. Esse antagonismo – *não* valorizar [*schätzen*] o que conhecemos, e não mais poder valorizar o que gostaríamos de nos impingir como mentira [*was wir uns vorlügen möchten*]: resulta em um processo de dissolução.

Os valores supremos se desvalorizaram e, assim, Nietzsche dissimula o niilismo como não tendo a conotação de uma vida sem regras, imoral. Mas, para o filósofo, no processo niilista trata-se do atribuir valor à existência, algo que o homem desenvolve em um processo psicológico que o leva ao abismo existencial, ao em vão, este é um dos princípios com os quais o cristianismo se fixou. Sobre isso, leia-se:

A consequência *niilista* (a crença na ausência de valor) como decorrência da moral de valor: *perdemos o gosto pelo egoístico*, (mesmo depois da compreensão da impossibilidade do não - egoístico); — *perdemos o gosto pelo necessário* (mesmo depois da compreensão da impossibilidade de um *liberum arbitrium* e de uma “liberdade inteligível”). Vemos que não alcançamos a esfera em que pusemos nossos valores – com isso a outra

esfera, em que vivemos, *de nenhum modo ainda* ganhou em valor: ao contrário, estamos *cansados*, porque perdemos o *estímulo principal*. “Foi em vão até agora!” (NIETZSCHE, 2008, p. 30).

Quando os valores superiores determinavam diretamente como o homem devia agir, seguindo os desígnios do Deus criador, isto até então, considerado um movimento que serve de antídoto para o niilismo. Nietzsche, logo possibilita a compreensão de uma mudança de sentido, com a qual a interpretação de mundo cristã e seu o ideal de comunidade é o niilismo. Ele passa não só ver as religiões desse modo, mas a comparar outras ideologias a mera criação humana. Para o filósofo, toda forma de querer algo que não coresponde à possibilidade humana é idealização, o que causa um confronto com o real. Afinal, o cosmo perdeu seu crédito e com isso o próprio Deus acabou desacreditado. Parte disso se deve ao surgimento da ciência moderna que identifica o niilismo como uma reação de negação.

Outra causa da percepção do niilismo se dá quando o entedimento de que a consciência compreendeu que seu esforço em buscar um sentido foi inevitavelmente desperdiçado, e assim a possibilidade de um vir a ser não se concretizar. Visto que não se pode alcançar o que somente existe na ideia. Assim, tomado pela descrença, o homem vê o mundo perder seu valor, pois se o mundo é idealizado, esse fato leva a moral que busca uma tipologia ideal perde sua eficácia. O encontro do homem consigo revela também uma triste realidade, a de que, até então, se sentia parte de um mundo organizado do qual ele era peça importante para estabelecer uma ordem maior e, em consequência desse acontecimento, o homem perde seu referencial dentro da totalidade. Sobre o niilismo como fator psicológico humano, Moura (2014, p. 24) apresenta três estágios que revelam o niilismo evolutivo sobre a ótica nietzschiana:

Em primeiro lugar, quando se tiver buscado um “sentido” em tudo o que ocorre, sentido que não se encontra ali, até o ponto em que aquele que o buscava termina por abater-se. O niilismo é a tortura desse “em vão”. Esse sentido poderia ser o cumprimento de um cânone ético superior em tudo o que ocorre, ou a realização, mesmo parcial, de um estado de felicidade universal. Um fim, qualquer que seja ele, serve para dar sentido as coisas; mas vir-a-ser não parece realizar fim algum. Agora, o niilismo é a decorrência da decepção quanto uma suposta finalidade do vir-a-ser. [...] Em segundo lugar, o niilismo faz irrupção quando o homem que se acreditava parte de um todo organizado, um todo em que imperava uma unidade, em que ele se sentia em conexão profunda com esse todo que lhe é infinitamente superior, em que ele era um modo de divindade, descobre que não existe semelhante totalidade. Agora o homem perde a crença em seu próprio valor, visto através dele não atua nenhum todo infinitamente valioso. O niilismo, enquanto estado psicológico, terá ainda uma terceira e última forma. Dado o reconhecimento de que nenhuma finalidade e nenhuma grande unidade

presidem o mundo do vir-a-ser, resta à escapatória de condenar como ilusório e acreditar em um mundo que esteja para além dele.

Como expressão desse niilismo, o homem passa a ter sobre si toda uma carga psicológica que consiste em depreciar o mundo real e crê fielmente no imaginário, as verdades absolutas levam à crença em um objetivo que não se conhece concretamente, a visão de mundo passa a ser adoecida. O mundo como último refúgio de verdade é visto como realidade. Assim, o niilismo, como expressão desse sentido, revela-se pelo fato de não mais poder negá-lo como o é, a angústia está em não poder mais contar com o mundo metafísico e não mais poder negar o mundo real.

Foi ao reavaliar a história do pensamento que Nietzsche pôde detectar as etapas do niilismo e através destas verificar aspectos psicológicos do processo de adoecimento da humanidade como: interiorização do dever, o homem como legislador de si mesmo e por fim, sentimentos de vingança e culpa. Sobre o peso psicológico do cristianismo e seus efeitos, o filósofo alemão escreve: “Chega o tempo em que nós temos de *pagar* o termos sido cristãos durante dois milênios: perdemos o peso que nos deixava viver, — não soubemos, durante um período, para que lado nos virar.” (2008, p.39)

Deleuze, em seu texto *Nietzsche*, mostra as etapas do niilismo, as quais chama de a grande descoberta. Para Deleuze, o filósofo alemão buscou definir os sintomas do niilismo traçando uma tipologia humana. Desse modo, foi elaborada uma ordem sequencial de acontecimentos que culminaram no niilismo propriamente dito. Inicialmente, a vida como aparência, sem valor algum. Em outro sentido, não é mais necessário que se desvalorize a vida em favor de valores superiores. Acontece a negação dos valores e com isso seguem junto Deus, a moral e a verdade, que enfim desmorona. Partindo dessas concepções, Deleuze (1965, p. 26-29) identifica cada elemento que constroi a filosofia de Nietzsche e a crítica ao niilismo:

1º *O ressentimento*: é teu erro, é o teu erro... Acusação e recriminação projectivas. É por causa do que sou fraco e infeliz. (...) “ressentimento”, que se exerce contra tudo que é activo. Enche-se a acção de “vergonha”: a própria vida é acusada, separa do seu poder, separada do que pode. O cordeiro diz: eu poderia fazer tudo que a águia faz, tenho mérito em impedir-me que a águia faça como eu...

2º *A má consciência*: é o meu erro... Momento da introjecção. Tendo tomado a vida como engodo, as forças reactivas podem voltar a ser elas mesmas. Interiorizam a falta, dizem-se culpadas, viram-se contra si mesmas. (...)

3º *O ideal ascético*: momento da sublimação. O que a vida fraca ou reactiva vale é afinal a negação da vida. *A sua* vontade de poder é vontade de nada, como condição do seu triunfo. (...)

4° *A morte de Deus*: momento da recuperação. Durante muito tempo a morte de Deus aparece-nos como um drama intra- religioso, como um assunto entre o Deus judeu e o Deus cristão. (...)

5° *O ultimo homem e o homem que quer morrer*: momento do fim. A morte de Deus é, pois, um acontecimento, mas que ainda espera o seu sentido e o seu valor.

Essas cinco etapas sintetizam basicamente, no entender de Deleuze, como Nietzsche compreende a interpretação moral cristã. Nela estão presentes seus sintomas e as características da sociedade europeia que levaram o filósofo a perceber diferentes estados do niilismo. É necessário que os homens do pensamento reavaliem a relação entre a filosofia e a moral, e se libertem do julgo do sacerdote que se revela sob a moral cristã. Nietzsche revela que a filosofia sofreu forte influência e tornou-se uma espécie de doutrinação, e toda doutrinação busca obter um certo tipo de controle. No limiar da cultura, a consequência niilista apresenta-se como a não valorização do que realmente importa à existência, o mundo real, e principalmente a vida nesse mundo, o mundo das paixões, prazeres e tristezas.

Quando a causa do niilismo tem como resultado o que levou à orientação da vida sob uma forma de representação do mundo que se refere à interpretação cristã, as consequências apresentam-se em inúmeras esferas existentes na humanidade o que Nietzsche define como as três categorias que não atendem mais a esse novo momento. Ao extirpar a finalidade, a unidade, e por fim, o ser, categorias com os quais o mundo fazia sentido para o homem. Encara-se agora a inconstância da vida, em uma realidade de desilusão diante das representações. Nietzsche (2008, p. 33), ressalta:

Posto que reconhecemos em que medida, com essas *três* categorias, o mundo não pode mais ser *interpretado*, e que, de acordo com esse entendimento [*Einsicht*], o mundo, para nós, começa a trona-se sem valor: então temos de indagar de *onde* provém a nossa crença nessas três categorias – tentemos, se não é possível,* rescindir a crença *nelas*. Quando tivermos desvalorizado essas três categorias, então a prova de sua aplicabilidade ao Todo não será mais nenhuma razão *para desvalorizar o Todo*.

A diversidade de representações faz-se perceber o grande esforço do homem. Com a evolução deu-se conta de que o tempo todo o seu esforço consistiu em criar conceitos. Ao compreender que totalidade, sistematização e organização são importantes quando se atribuem um sentido para sua efetivação, o que resta é levado em conta como atribuição da crença. Tais conceitos são formas representativas de ordem no universo do qual se acreditava que o homem poderia fazer parte como um elemento necessário ao todo universal. O

indivíduo perde seu sentido ao se dar conta de que o universal não existe, o homem perde com isso a crença em si mesmo, porque até então o todo era o principal responsável por seu valor.

A terceira evidência psicológica do niilismo traz aspectos fundamentais dos dois outros anteriores, onde o primeiro fato foi o de se dar conta da perda de tempo em buscar um sentido, esforço esse que se compreende como um em vão. O segundo refere-se a importância do indivíduo para a complexidade do todo universal, no qual o vir-a-ser não corresponde efetivamente pelo seu caráter meramente ideológico. Sendo assim, o mesmo não terá essa submersão enquanto elemento de valor. Como reflexo a solução é condenar o mundo criando a ilusão de que tudo é falso.

O último passo se dá quando se percebe que este mundo realmente serviu apenas para atender as necessidades dos ideais, e com isso, esses mesmos ideais jamais puderam ser alcançados. A descrença em um mundo metafísico não corresponde mais a nova realidade do homem moderno. O cristianismo, nesse caso, não se trata do domínio pela fé mas, sim, quando o mesmo atua em outras vertentes dominantes da sociedade.

O problema da modernidade, para Nietzsche, é um estado de total negação, uma falta de sentido generalizado. Uma causa para o niilismo que surge da crença nas categorias da razão, é o fato das mesmas serem categorias que se relacionavam com o mundo fictício. Não há, segundo Nietzsche, a aplicabilidade efetiva dessas categorias ao todo. O resultado, para ele, foi obtido através de um fato específico, o valor das coisas e do mundo na realidade o fizeram se tornar desvalorizado:

Resultado final: todos os valores com os quais até agora procuramos tornar o mundo estimável para nós e afinal, justamente com eles o desvaloramos, quando eles se demonstram inaplicáveis – todos esses valores são do ponto de vista psicológico, resultados de determinadas perspectivas de utilidade para a manutenção e intensificação de formações humanas de dominação: e apenas falsamente projetados na essências das coisas. É sempre ainda a hiperbólica ingenuidade do homem: colocar a si mesmo como sentido e medida de valor das coisas (NIETZSCHE, 2008, p.33).

A necessidade de respostas, hábito do niilismo que insiste em buscar soluções, um “para quê” em todas as coisas, corresponde a encontrar utilidades para elas, algo desenvolvido pela crença nas ideias. Com o fim da metafísica surge a lacuna que o niilista tende a preencher, e por fim para responder ao vazio que restou, apelou-se, através da consciência, à emancipação da teologia, essa mesma passando a ter o papel de atender as necessidades de uma moral humana. Porém, prevalece nos modernos o niilismo da total confiança na razão. E,

assim, o pressuposto de que não há verdades absolutas, simplesmente, porque não há uma verdade. Nietzsche (2007, p. 33), assim define mais uma forma do niilismo:

O niilismo apresenta um estado intermediário patológico (patológica é a descomunal generalização, a conclusão de não haver mais *nenhum* sentido *absolutamente* [*der Schluss auf gar keinen Sinn*]): seja pelo fato de que as forças produtivas ainda não estejam fortes o bastante: seja porque a decadência ainda vacila e ainda não inventou seus remédios [*Hilfsmittel*].

O efeito da decadência que em Nietzsche é niilismo refere-se ao modelo de interpretação moral de mundo. O valor passa a ser estabelecido pelo homem, ele é o meio pelo qual se faz os julgamentos. Quando abre-se mão dos prazeres do corpo para tornar a alma pura, refere-se a julgar o corpo inferior a alma. Do mesmo modo quando negar a temporalidade da vida se torna um meio para se chegar à vida eterna. O instinto de rebanho, ou a organização social dos homens, é referência para se entender o caráter massificante do cristianismo, essa conseguida pela tentativa de universalização da humanidade.

Algo que leva Nietzsche a compreender o cristianismo como antinatureza é a noção de ser individualizado, que faça parte do coletivo em prol do todo. Essa crença demonstra que o homem se opôs à vida, o que, com o descredito do mundo passou a ser o principal fundamento das categorias da razão. Essas são as suas principais ferramentas de construção das ilusões, o que reflete na modernidade pelo desejo de se estender os valores que nascem com a moral cristã a algo que inviabiliza uma superação do niilismo, segundo Nietzsche, porque não promove uma transvaloração dos valores.

3.2 O niilismo como pessimismo e decadência

Enquanto niilismo, o pessimismo é fonte de referência na Modernidade como movimento de negação. Através dele, o homem expressa o sentido da desconfiança que se instaurou sobre mundo. Nesse caso, não foi o mundo da existência que se perdeu, mas sim o mundo criado pelos modernos. Nietzsche compreende o niilismo como sinônimo do pessimismo. Ele identifica predomínio de uma forma de viver que privilegia o sofrimento em detrimento ao prazer. Tais esforços são característicos do niilismo que consiste na negação dos instintos vitais transformando a vida anti natural em resignação.

A valoração das virtudes individuais que servem para qualificar acaba por degradar o homem em favor da civilização, portanto, o intuito do melhoramento do indivíduo o faz torna-se um ser para que a harmonia no coletivo prevaleça. Nietzsche (2008, p. 10), ressalta:

Para a crítica do pessimismo – A “preponderância da tristeza sobre a alegria” ou então o contrário (hedonista) estas duas doutrinas já são indícios do niilismo. Porque em ambos os casos, estabelecem como direção final os fenômenos de prazer ou desprazer.” Esse sentimento que causa uma abnegação, resignação diante da vida demonstra seu caráter psicológico.

É a desvalorização dos valores que se concretizou como pensamento chegando-se à farça do mundo que foi idealizado restando aos filósofos apenas o mundo verdadeiro. O pessimismo é esse sentimento que passou a dominar o íntimo humano, é a desilusão de um mundo que não satisfaz mais, não traz mais prazer. Esse sentimento que era visto como problema é para Nietzsche apenas um sintoma do niilismo, seu aspecto fisiológico.

Sobre decadência e o pessimismo, a relação entre ambas, Moura (2014, p. 143) enfatiza: “Decadência e ressentimento convergem: o decadente é aquele para quem as impressões do exterior são recebidas como choques que provocam o sofrimento. Tal é a ótica da decadência: a realidade é fonte de sofrimentos”. Essa nova realidade dos acontecimentos desvenda a consequência do esforço ao qual impregou-se a vida, caracterizado pela busca da verdade, pela ilusão da metafísica e o mundo verdadeiro que se perderam na trajetória da história.

As verdades universais e demais conceitos revelam apenas como são tomados e não como deveriam realmente ser compreendidos, porque se resume à capacidade humana de acreditar em um *logos*. Não é a verdade em si, pois para o filósofo essa mesma não existe. O problema do homem moderno teria sido a compreensão do niilismo ao longo da trajetória do esclarecimento como um processo de degradação humana ordenado pela falta de sentido, derivado da necessidade de um mundo que se explica pela racionalidade.

Essa conduta da decadência conduz o homem ao erro, afinal, foi desse modo que se perpetuou as bases da cultura como a filosofia, a religião, a moral e a arte. Estas visaram como causas o que eram suas consequências, ou seja, do ponto de vista do niilismo, todas essas formas de organização foram impregnadas na modernidade pela influência da razão. Desse modo, os antídotos para os males da sociedade, na realidade, promoveram seu prolongamento ou sua mudança de definição. Os que se apresentam como “curados” representam apenas uma forma diferente de degenerescência, mas não deixam de sê-lo. Lançam sobre si uma roupagem nova para velhos conceitos e mais uma vez no percurso da história nos deparamos com mais uma tentativa entre tantas de um ideal que se coloca como verdade.

O niilismo é inevitável e presente, pela descrença do homem moderno, múltiplo e episódio dramático em sua essência. Nietzsche, sensível a tal realidade, enfrenta esses fenômenos e os vê por toda parte, como descreve Lefranc (2008, p. 191-192):

O niilismo é tão múltiplo, essencialmente múltiplo como a própria vontade de poder. Nietzsche detecta seus traços por toda parte: em economia política (a abolição da escravidão), em política (o oportunismo), em história (o darwinismo, o determinismo hegeliano), em arte (a mentira romântica e seu contragolpe, a arte pela arte) e até as ciências da natureza (mecanismo, determinismo universal). O niilismo aparece como co-extensivo a toda atividade humana engajada na história da cultura e da civilização. Desde a pré-história até os “últimos homens”, a história humana é a história do avanço do niilismo, isto é, da depreciação da vida e dos ideais forjados para dissimular esta depreciação.

A evolução e ascensão da moral escrava possibilitou que o cristianismo, pensado por Nietzsche como doença, tivesse como pretensão uma proposta de cura para o niilismo. A ideia não se dissipa com o tempo, e não é diferente na modernidade que chega a um grau de civilização capaz de propor seu próprio aniquilamento. Pois, o indivíduo como ser deixa de ser sujeito e passa a existir pelo todo. Essa característica do niilismo no homem moderno deixa-os desanimados e ao mesmo tempo submissos. Desenvolvendo-se para um pessimismo estruturante, a constatação de que o mundo moderno é inútil diante do mundo verdadeiro é a expressão deste niilismo .

As causas são antigas e o mesmo processo que outrora fez desse fenômeno um problema a ser solucionado o fez se perpetuar por longo tempo. Para Nietzsche, o pessimismo é o movimento natural da decadência e que não corresponde somente às formas psicológicas, mas sim, aos sintomas fisiológicos. Por esse motivo, o indivíduo moderno sofre não só no seu psíquico, mas seu corpo físico também adoece.

A decadência como norma natural do processo civilizatório relaciona-se diretamente como mecanismo de defesa nas ideologias. Os discursos de igualdade trazem para sociedade um nivelamento entre indivíduos, com isso tentam conseguir o aniquilamento dos vícios, da criminalização e da prostituição. Para o filósofo, algo que vise conter esses impulsos são necessariamente sua causa. Na verdade seriam tais mazelas sociais suas reais consequências naturais, fato esse que decorre do modelo de civilização humana e de sua domesticação. Pois, segundo Nietzsche, a verdadeira intenção do processo de civilização e do cristianismo foi o de tornar o homem um ser manso e sob controle.

A decadência é um sintoma da moral, a superação do animal homem na lógica do cristianismo é torná-lo membro de rebanho. Um modelo de virtudes para a coletividade que surge em Sócrates, e desde então, a razão passou a dominar os demais instintos. Platão conseguiu intensificar o domínio da razão sobre a alma e como na perspectiva de Nietzsche, o cristianismo é platonismo para o povo, este mesmo revela seus sinais de decadência. Por isso, Moura (2014, p. 231) nos dá a noção da análise do pensamento de Nietzsche, sobre o problema lançado por Sócrates:

Por um lado, a decadência é a anarquia dos instintos, tal como ela é encontrada nos nobres da Atenas terminal. Por outro lado, a decadência é a solução socrática, é exorcizar a anarquia dos instintos graças a tirania de uma parte da alma sobre as demais.

Na degenerescência da civilização, as possíveis soluções encontradas por Sócrates e Platão trouxeram consequências, a dicotomia da existência possibilitou um perpétuo sofrimento. A herança de uma tradição que privilegiou a razão e sacrificou os instintos humanos levou a um declínio da cultura ocidental. Nietzsche trouxe essa realidade histórica que conduziu o seu pensamento e o fez entender que o cristianismo também é uma das tentativas de cura da decadência, o que torna o homem que busca essa cura ainda mais adoecido e a resposta que se vê é a supressão dos instintos causando a debilidade da vontade. Sendo assim, Lefranc (2007, p.175-176) escreve:

É preciso compreender que o problema da decadência é também o problema do cristianismo, um cristianismo que não começa no Novo Testamento, mas que “preexiste”, no essencial, no socratismo e no platonismo, este mesmo cristianismo que, no outro extremo da história européia, além das Igrejas instituídas, se prolonga até os dias entre os livres-pensadores, os democratas, os socialistas, entre os que recusam as Igrejas em nome dos valores do Evangelho, todos aqueles que desde o Conde Saint-Simon (*O novo cristianismo*, pós-1825) quiseram conciliar a fé em Deus e a fé no homem com o “progresso”, inclusive, enfim, os agnósticos ou ateus declarados.

O conceito de decadência em Nietzsche é forte influência do niilismo, esta tentativa no que diz respeito em associar o pessimismo à decadência, não se limita ao fato de serem movimentos que se sucedem. Ambos caminham juntos e são parte dos sintomas desenvolvidos com o niilismo. A abrangência desse termo é visto com frequência relacionando ao cristianismo. Assim, como o niilismo se caracteriza pela decadência e ambos se tornam sinônimos, é possível incluir como os sinais desse fenômeno situações que ocorrem

na política, no âmbito social e também na religião. Depois de desconstruir todas as crenças diagnosticar os males que assolam a humanidade, o autor do niilismo alemão verifica em tudo um desânimo diante da vida.

Desse modo, um período de reconstrução se faz necessário, o homem moderno perdeu o alicerce que fundamentava sua cultura e esse momento, não de fim, mas de renovação, surge em decorrência da morte de Deus, quando esse mesmo homem ao não ter mais sua origem, perdeu, conseqüentemente, sua finalidade no mundo. Este fato não se resume a um mero declínio no âmbito religioso, pois o que ruiu foi muito mais que apenas uma crença, perdeu-se o sentido do todo.

3. 3 O niilismo e a transmutação dos valores

Em uma sensível visão trágica da vida e do mundo, Nietzsche percebe o fluxo constante da existência. Seu propósito em expor a fragilidade dos conceitos que constroem as concepções teológicas e também científicas, desencadeou a necessidade de através do niilismo anular crenças e também as ideologias existentes em sua sociedade, reduzindo-as a um nada, no sentido pleno da palavra. Sua visão da sociedade foi firme ao ponto de criticar as doutrinas desenvolvidas principalmente pós iluminismo. Fato este, proporcional ao de desconstruir os valores e os conceitos da Modernidade, para só então, propor a transmutação dos valores passando pelo fenômeno do niilismo.

As múltiplas fases desse fenômeno se desenvolvem em meio ao processo natural da condição humana. Entre elas, Nietzsche percebe como niilismo se tornou reativo, influenciado pelo racionalismo do século XIX. Neste contexto a sociedade estava aprisionada a ideia de que a razão era fonte de poder capaz de conduzir a humanidade a um futuro no bem. Essa visão teria elevado o homem ao conhecimento lógico. No entanto, criava-se uma situação torturante, porque o não privilegiar o presente lançava a humanidade para um projeto de realização que só se concretizaria no futuro.

O niilismo negativo é característico do espírito do cristianismo que vai além da existência e transfere todo o poder de uma existência humana para um além no futuro incerto. A derrocada se dá pela morte de Deus que provoca um abalo sistemático da cultura europeia que entra em colapso, e onde se instaura a crise de valores. Neste sentido, o niilismo se apresenta como passivo. A crença na vida sem sentido leva à ideia da não necessidade da moral, e portanto, da não existência do dever, pois ao final da vida nada se tem a alcançar.

O trajeto do niilismo o torna ativo quando ao se dar conta de que não há um sentido para a vida, o filósofo da transvaloração inova em sua compreensão porque afirma que a vida deva ser intensa. Algo inovador na filosofia de Nietzsche é a destruição dos valores para que haja a possibilidade de um viver onde o homem tenha valores criados por ele mesmo como um referencial. O primeiro passo será desprender-se da moral cristã, encarando-a como niilismo e que, ainda nesse processo, é algo incompleto “O niilismo *incompleto*, suas formas: vivemos no meio dele. As *tentativas de escapar do niilismo* sem transvalorar aqueles valores produzem o contrário, tornam o problema mais agudo”. (NIETZSCHE, 2008, p.47). Aceitar o niilismo como progresso é acreditar na vida e tentar quebrar as prisões culturais com as quais o ocidente se manteve aprisionado.

A transmutação de todos os valores deve-se compreender como um processo que levou a humanidade a se dirigir por valores criados e mudados por uma maioria e que essa maioria acaba por suprimir a evolução dos indivíduos e sua vontade de poder. A moral do cristianismo conseguiu perpetuar-se ao longo de toda história da humanidade. Esta crítica de Nietzsche considera o fato do cristianismo privilegiar os valores que enfraquecem as potências, distorcendo a perspectiva de uma possibilidade de existência voltada para verdadeira necessidade humana.

Nietzsche trata de uma hipótese cosmológica em que a vida é tomada em uma perspectiva do homem privilegiando o presente. Ele não propõe uma resposta como conceito de verdade. Para ele, a hipótese de interpretar a vida sem uma moral dominante viabiliza o resgate da natureza, pois trata ao mesmo tempo do vir-a-ser e do real valor da existência.

Sendo assim, Nietzsche propõe uma reflexão com o intuito de enxergar como o niilismo possibilitaria a mudança da interpretação de mundo da moral cristã para uma moral pensada pelo homem e para o homem. Visando suas potencialidades e seu posicionamento diante da humanidade. O filósofo provoca a humanidade a promover essa análise da moral cristã e perceber que ela mesma é essa decadência que leva o homem a negar sua existência e com isso a própria vida. A vontade de potência, aquela que dispõe o espírito livre, precisa não vir a ser contaminada com a parcela doente que ainda se mantém viva na sociedade. As forças que regem a humanidade devem se apresentar como a matriz fecunda da forma de hierarquizar, de possibilitar o domínio dos homens pelo desejo de vida e pela aceitação dos seus instintos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O niilismo, esse fenômeno presente na sociedade, chega primeiramente pela via mais distante historicamente. Até então, não fora sequer questionada sua gênese. Seu surgimento mostra que antes mesmo das certezas as quais norteiam nossa existência, pensar o nada trouxe ao mundo filosófico um problema que se prolongaria por milênios. O berço de nossa civilização no período de sua excelência e do pensamento humano mais desenvolvido presenciou esse fenômeno. Na velha Grécia, Nietzsche foi resgatar esse primeiro contato da história da filosofia e pode encontrar definições sobre o que é o niilismo. Quando, levado ao seu sentido mais comum o niilismo apresenta-se basicamente como um descrédito diante da realidade ou mesmo a total perda de sentido do homem perante o real.

Friedrich Nietzsche retoma filologicamente essa origem do niilismo e dá em seu tempo outra conotação para o fenômeno. Ao perceber que ele permanece em todo processo evolutivo do pensamento e que se preserva firmemente como forma de manutenção do domínio através dos mecanismos aos quais se relacionam os aspectos culturais, Nietzsche tece minuciosamente uma crítica que vai de encontro aos valores morais. A origem desses valores que desencadeiam a crença em um legislador passa a ser questionada pelo filósofo que encontra a raiz do problema para seu tempo com a morte de Deus. Porém, a morte de Deus não se reduz a um fato claro e evidente e, assim, o niilismo ainda se faz presente. Para Nietzsche, essa presença se nota nas concepções filosóficas da modernidade, pois as mesmas se mantêm relacionadas aos mesmos valores e ideais criados pelo cristianismo.

O cristianismo em si, e a forma como foi conduzido durante milênios desencadeou uma estagnação humana. Sua doutrinação e sua idealização do mundo são a evidência do prolongamento de um determinado niilismo que teve sua origem na Grécia antiga, mas ainda reflete em nossa sociedade. Sendo a transvaloração uma tentativa de mudança perspectiva, o niilismo tem seu acentuamento quando direciona-se a um declínio dos valores. A decadência proporcionada pelo niilismo conserva nos homens seu caráter depreciador da vida. O problema está nessa relação do homem com os valores de uma moral que não se permite uma transvaloração. Assim, o dilema da existência é ainda a perpetuação do niilismo como decadência da moral cristã, onde o homem se sente confortável diante da humanidade que está doente e não se percebe desse modo. Estamos constantemente vivendo essa estagnação da vontade de potência da própria natureza. Acabando, portanto, por reproduzir e conduzir a existência a um eterno vir-a-ser.

5. REFERÊNCIAS

- LEFRANC, Jean. *Compreender Nietzsche* : Tradução Lucia M. Endlich Orth. 3º Ed. Petrópolis: RJ: Vozes. 2007
- MOURA, Carlos A. Ribeiro de. *Nietzsche: Civilização e Cultura*. São Paulo: Martins Fontes, 2º ed. 2014.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. Trad. Notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2001
- NIETZSCHE. Friedrich Wilhelm. *A vontade de poder*. Trad. Notas Marcos Sinésios Pereira Fernandes, Francisco José Dias de Moraes. Apresentação Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto. 2008
- NIETZSCHE. Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Trad. notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras. 1998.
- PECORARO, Rossano. *Nilismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007
- VOLPI, Franco. *O Nilismo*. Tradução: Aldo Vannuchi. 2º Ed. São Paulo: Edições Loyola. 2012
- VATTIMO, Gianni. *Introdução a Nietzsche*. Tradução: Antônio Guerreiro. 2º Ed. Lisboa. 1990
- DELEUZE. Gilles. *Nietzsche*. Tradução: Alberto Campos. Lisboa. Edições 70. 2009